

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Outras Histórias sobre Antônio Dó: Imprensa e memória do Norte de Minas

Rejane Meireles Amaral Rodrigues*

Resumo

O presente texto se propõe a analisar as memórias do povo da cidade de São Francisco. Localizada no Norte de Minas Gerais, acerca da vida de Antônio Dó, com o intuito de perceber elementos da identidade e a releitura que o sertanejo faz de si. Objetiva contribuir com o entendimento sobre os discursos produzidos sobre o sertão Norte Mineiro para analisar o tratamento dedicado por parte de governos a esta região. Utilizaremos como fonte, entrevista com vários moradores da cidade de São Francisco e com a população que habita a área rural desta cidade, jornais locais e nacionais que divulgaram notícias sobre o Norte de Minas durante a Primeira República.

Palavras – Chave: Memória, Antônio Dó, oralidade.

Summary The present text if considers to analyze the memory of the people of city of San Francisco. Located in the North of Minas Gerais, concerning the life of Antônio Dó, with intention to perceive elements of the identity and the releitura that sertanejo makes of itself. Objective to contribute with the agreement on the speeches produced on the hinterland Mining North to analyze the dedicated treatment on the part of governments to this region. We will use as source, interview with some inhabitants of the city of San Franscico and with the population whorn the agricultura area of this city inhabits, local and national periodicals that had divulged notice on the North of Minas during the First República.

Key-wolds: Memory, Antônio Dó, orality.

A Primeira República apresenta-se como a fase da história nacional cujas relações sociais teoricamente estariam se reformulando e o sistema jurídico estaria regularizando o perfil de cidadão, segundo a Constituição de 1891.

A idéia de sociedade que a região central do país e o litoral “construíam” estava longe de ser o modelo ideal para legitimar a sociedade normalizada pela primeira constituição republicana.

Se a região considerada “mais desenvolvida” não absorvia estas idéias de “sociedade civilizada”, muito menos o interior, cujas relações sociais eram “menos amigáveis” e a violência estava incluída nos “códigos comportamentais” como experiência de cultura para resolução de impasses e problemas cujas leis jurídicas não resolviam ou não se faziam valer em razão de falta de algum órgão oficial.

* Doutoranda da Universidade Federal de Uberlândia – UFU/ Professora do departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

Os quarenta e um anos da Primeira República foram marcados por vários embates sociais, cujos signos e símbolos de lutas se divergiram mais pelos discursos que foram delegados a eles, do que pelas trajetórias trilhadas pelos grupos que os compunham. De Canudos (MELO,1997) à Coluna Prestes (FORJA,1987), o ideal de reforma social e repúdio aos desdobramentos do sistema vigente foram apropriados por veículos de comunicação e aos poucos as notícias do interior do país sobre estes vários momentos de embate social¹ contribuíram para as “sociedades urbanas” projetarem um “perfil” de sociedade e homem do interior, e estes discursos com o passar dos anos se tornaram pilares para políticas públicas, que acentuaram as distâncias sociais entre regiões “menos desenvolvidas” e regiões “mais desenvolvidas”. Já os embates sociais ocorridos nos “grandes centros”² representam momentos em que a mídia legitimou o perfil de desenvolvimento e urbanização destes centros uma vez que ressaltavam os problemas sociais urbanos, mas sempre davam uma sutil idéia de que, após sanado o problema, a antiga ordem social seria superada e uma nova ordem social surgiria para cada vez mais embasar o “progresso e o desenvolvimento em que o Brasil vivia”.

No interior do Brasil, as relações sociais formadas e baseadas nas relações de poder colonial de dependência aos donos e administradores de terras não se romperam com o estabelecimento da constituição liberal republicana; pelo contrário, as antigas práticas de obediência e dependência econômica dos fazendeiros e as relações de mutirão, compadrio e vizinhança (QUEIROZ,1973) continuaram existindo e contrastavam com o discurso de desenvolvimento e industrialização.

Não somente os estados no Norte e Nordeste do país apresentavam áreas com este perfil, mas também os estados que compõe atualmente a região Sudeste, que já naquela época era considerada a região cujas relações sociais e de produção eram mais “desenvolvidas”. Minas Gerais, por exemplo, apresenta uma formação histórica de dependência à exploração da terra, pois a região considerada mineradora foi dependente economicamente do “sertão” da capitania, levando-se em conta o abastecimento de grãos, carne, sal e outros produtos: “a possibilidade de contribuir para o abastecimento da população mineira incentivou a formação de grandes currais nas margens do São Francisco. A lavoura desenvolveu-se em razão do mercado crescente para seus produtos”.(ANASTASIA, 1998:65).

Essa dependência de produtos evidencia uma região onde a sociedade desenvolvida se baseia na agricultura e pecuária e em relações de poder figuradas entre famílias que se

¹ Referimo-nos aos seguintes embates sociais: Canudos, Contestado, Juazeiro, a saga de alguns cangaceiros e a Coluna Prestes.

² Revolta da Vacina, Revolta da Chibata, Greve de 1917 e 1919 e Movimento Tenentista.

alternavam no poder, cujos parentes ao seu redor viviam. O desdobramento deste tipo de relação de poder são as relações coronéis/agregados, fazendeiro/jagunços e interesses particulares/ interesses públicos.

O Norte de Minas foi formado a partir de movimentos de bandeiras e espaços ocupados por aventureiros que em busca de ouro (ANASTASIA,1998), e aprisionamento de índios (RIBEIRO; 2005), que proporcionaram a ocupação de espaços que aos poucos tornaram-se pequenos arraiais e posteriormente cidades. Tantas as cidades ribeirinhas, localizadas às margens do rio São Francisco: Januária, Pirapora a cidade de São Francisco como a cidade de Montes Claros, apresentam no seu passado resquícios de passagem de bandeiras, pois, a relação homem/ terra deu-se através da ocupação do espaço em primeira instância pelas fazendas e estas com a exploração da agricultura e da pecuária. Com o aumento gradativo do número de pessoas que habitavam as fazendas, as mesmas formaram pequenos arraiais, que com a idealização de uma sociedade, tiveram seus “cargos de representação política” ocupados por pessoas que atuavam na lógica do mamdonismo e da parentela.

Pensando em sociedades que se enquadram na descrição supramencionada, temos o caso de Antônio Dó e seus homens, cuja trajetória já foi por nós estudada em dissertação de mestrado.

A memória evocada sobre Antônio Dó permite-nos analisar as relações sociais estabelecidas na cidade de São Francisco, Norte de Minas Gerais, e nesta mesma perspectiva entender o papel social desempenhado por Antônio Dó nesta região, além de identificar quais classes o queria bandido e quais o queria herói, uma vez que entendemos que “ser bandido” ou “ser herói” depende de quem cria o dito perfil.

Antônio Dó, quando ainda era fazendeiro, após ser preso por questões de demarcação de terra com seu vizinho Chico Peba, em 1909, e somada a mágoa de não ter-se esclarecido o assassinato do seu irmão, Honório Antunes França, fugiu da delegacia em que estava encarcerado. Recrutou um grupo de homens que, a partir de então, passou a segui-lo e juntos fizeram “justiça com as próprias mãos”. Durante dezenove anos, Antônio Dó percorreu o Norte de Minas, Sul da Bahia e Sul de Goiás. Fez alguns trabalhos para coronéis da região, trabalhou por conta própria em um garimpo na região de Paracatu, mas jamais voltou a exercer a função de lavrador. Confrontou-se com a Polícia Militar várias vezes naquele período chamado de Força Pública.

O período em que seu bando existiu foi marcado por um excesso de intervenções na administração local em razão de interesses particulares. Os homens que detinham o poder não

limitavam suas ações para conseguir o que queriam, e, conseqüentemente, “retiravam” ou eliminavam do caminho as pessoas que não estavam de acordo com suas vontades.

Antônio Dó foi assassinado em 1929 por um membro do seu bando que acreditava que seu líder possuía uma garrafa cheia de diamantes.¹

Durante nossos estudos no mestrado, percebemos que a problemática do “silêncio *versus* produção cultural popular”, que nortearam nossas conclusões, evidenciava mais produções de memória do que representação figurativa de um elemento ausente se fazendo presente. Estas “produções” eram na verdade memórias que grupos sociais evocavam sobre a vida de Antônio Dó. E cada grupo ao criá-las contribuía para legitimar um discurso diferente sobre si mesmo e a sociedade em questão:

“Constatamos, que há uma fixação progressiva da imagem de Antônio Dó, nos jornais que pesquisamos. Identificamos que a imagem construída pelos jornalistas é marcada pelo preconceito. O personagem aparece em 1913 como sendo um malfeitor que está invadindo e ameaçando São Francisco e esta imagem vai se perpetuando à medida em que a imprensa escrita registra não só a atuação do seu bando, como a tentativa da Força Pública em detê-lo. Ao registrar sua morte, fica evidente a idéia de que o ícone da violência norte-mineira não existe mais. E posterior à sua morte, a necessidade de afirmar o perfil de bandido e malfeitor volta à imprensa. Notamos claramente que até hoje há uma tentativa de cristalizar o “bandido” Antônio Dó”.(RODRIGUES, 2004:129)

Para realizar o estudo proposto, entendemos que autores da história social contribuirão conosco. Tais autores, ao reelaborarem as metodologias de pesquisa histórica e darem mais ênfase à antropologia, possibilitaram “dar voz às pessoas comuns” e assim a prática e o debate metodológico em relação ao uso da técnica de história oral neste campo têm intenso, nos últimos vinte anos, mapeando seus avanços e limitações.(CASTRO, 1997:51)

O campo de debate da história social a partir da década de 60 acenou à relevância de inserção, na historiografia, de classes sociais ainda não estudadas ou, se estudadas, apresentadas apenas como personagens secundários nas narrativas. Dentre os pesquisadores que salientaram a necessidade de identificar a classe trabalhadora, Thompson³ destaca-se como inovador da metodologia de pesquisa e da amplitude das indagações feitas aos objetos de estudo, o que permite uma maior gama de informações sobre seu objeto de pesquisa.

Thompson contribui com os estudos da história cultural ao identificar as *inter-relações recíprocas* que tangem ao *povo* e à classe dominante, e a consciência que este tem ou não de si mesmo. Esse estudioso valoriza os rituais, as manifestações coletivas como *experiências* vividas e transmitidas de uma geração a outra, como fora de código de leis que normalizam a vida em uma dada sociedade. A *consciência* adquirida ou criada pelo grupo,

³ Edward Palmer Thompson

para Thompson, pode ou não ser um fator gerador de *identidade*, mas esta jamais deixará de ser um fator político.(VAINFAS, 1997:155-158).

Assim, a fonte oral ao ser estudada trouxe à tona uma série de elementos que constituem uma teia das relações sociais do povo de São Francisco e proporcionou-nos um estudo acerca das relações de poder estabelecidas naquela sociedade. Também nos possibilitou entender as “várias memórias” evocadas em torno da vida de Antônio Dó e a apropriação destas memórias por parte de segmentos da sociedade no intuito de legitimarem um discurso de “coitadinho”: algumas reportagens escritas comentam que as ações de Antônio Dó e seus homens são meras “construções” de uma sociedade totalmente à parte do contexto da Primeira República.

Vale salientar que a imprensa escrita durante a Primeira República passava por um processo de “modernização” e tornou-se mais um elemento econômico do que objeto de informação e denúncia.

Com os arquivos de jornais, trabalhamos resquícios da vida de Antônio Dó uma vez que esta foi registrada por vários jornais da época, mas o trabalho com jornais requer do historiador uma atenção a mais ao interpretar as fontes. Principalmente, quando se trata de narrativas sobre a vida de pessoas como Antônio Dó, pois encontramos, neste tipo de reportagens, a percepção do jornalista sobre o assunto, discursos de vários segmentos sociais e interesses variados sobre “qual o perfil” se pretende dar ao objeto narrado.

“Graves acontecimentos em São Francisco

Nova incursão de jagunço – A força policial é atacada, sahindo ferido o delegado militar. Travou-se renhido tiroteio havendo varias mortes.

Mais uma vez foi a cidade norte mineira de São Francisco victima da san.. da jagunçada que infesta os nossos sertões, dando lugar a que repetidas vezes sejam necessárias providencias energicas por parte do governo.

Logo pela manhã do dia 22 correram nesta cidade vários boatos de que São Francisco havia sido atacada por uma horda de jagunços, chegando-se mesmo a propalar serem estes chefiados por Antônio Dó, já celebre por façanhas semelhantes.

Logo depois chegaram a nossa redação os primeiros telegramas, confirmando as notícias, enviadas por um dos amigos da “Gazeta”, ali residente, o dr. Luiz de Oliveira, actualmente naquella villa, em serviços de sua profissão de agrimensor.

Por esses telegramas que foram affitados a porta do edificio da “Gazeta”, trazendo-a sempre cheia de pessoas, ávidas de notícias, ficaram os nossos leitores scientes do que se passou naquella cidade.

A ultima hora constou ter o tenente Amaral seguindo em preseguição dos jagunços, havendo novos tiroteios e outras nortes, já fora da cidade.

Por telegrama particular que nos foi obsequiosamente mostrado sabemos achar-se terminado o conflito e pacificada a cidade.

O tenente Amaral recebeu três ferimentos, todos leves.

Villa Brazilia, 22 (9hs) – Indalécio, à frente de grande numero de jagunços atacou hontem, às quatro horas da tarde à cidade de São Francisco, havendo um grande conflicto.

O tenente Alcides do Amaral depois de muitos esforços conseguiu manter-se em seu posto, enfrentando a jagunçada e garantindo os habitantes da cidade. Tem havido mortes de parte a parte. A todo momento chegam aqui pessoas procurando refugio. A situação é gravíssima. Unge provincialar afim exitar maiores desastres. Polícia e povo estão apavorados. Saudações.

Villa Brazilia, 22 (16hs) – Cresce a noticia do numero de mortes havido no conflito de São Francisco. Em frente à cadeia estão nove mortos. O tenente Amaral acha-se ferido. Entre os fugitivos espavoridos que aqui chegaram está o snr. João de Andrade, ahi residente. Pediram forças para Januária e Brazilia. Tem causado grande consternação aqui tão lutuoso facto.

Villa Brazilia, 22 (17 hs). – entre os mortos no conflito de São Francisco acha-se o tio do Cel. Carolino, de nome Mathias Borges. Acha-se aqui o telegraphista de São Francisco que, milagrosamente, escapou, pois achava-se junto ao tenente Amaral quando foram atacados, havendo mais de 100 tiros.

Seguiram forças daqui e de Januária continua a chegar gente espavorida, daquela cidade. Só temos noticias verbaes pois o telegrafo está interrompido”.(GAZETA DO NORTE,1920:2)

Nestas reportagens, percebemos um exagero nas descrições das pessoas e situações narradas, o que contribuiu para a criação de uma “sociedade imaginativa” e à parte do contexto de desenvolvimento do Brasil durante a Primeira República. Esta situação foi para o Norte de Minas prejudicial, uma vez que em décadas posteriores, muitas leis e projetos foram feitos tendo como base tais discursos da imprensa.

A oralidade das pessoas que habitam a região do Vale do São Francisco e Norte de Minas também contribuiu para perpetuar uma memória exagerada sobre a vida de Antônio Dó e a elite da região foi a maior responsável por algumas das “várias fases da vida” deste jagunço, tanto que, na entrevista que fizemos com a professora de História Maria de Perpétuo Socorro (São Francisco-MG), ela nos revela tais em 1987 quando encenaram uma peça teatral em uma escola estadual da cidade de São Francisco houve um certo “desconforto” por parte de alguns moradores da cidade.

- 1- Por que resolveram estudar este tema (história de Antônio Dó) na escola?
- 2- Quem foi que não gostou da absolvição de Antônio Dó?
- 3- Ele era mesmo bandido?

- 4- E finalmente, qual dos autores memorialistas apresenta uma melhor versão da história de Antônio Dó para se ler? Assim, seguem as respostas, respectivamente:

“Por que estava no planejamento da 8ª série. É época de estudar as revoltas aqui no Brasil para mostrar justamente para o aluno as diferenças entre o cangaceiro e o jagunço e também para mostrar a realidade. Porque, quando o aluno estuda a história, parece que aquilo está distante do aluno, longe da sua realidade. E quando pegamos um acontecimento daqui, foi para que ele pudesse sentir o que é a história e que o que acontece no Nordeste, no Rio de Janeiro, lá fora, no exterior, nos EUA, também pode acontecer aqui ou refletir aqui.

(...)

A história dele não está tão distante e existe ainda uma geração viva e que achou um absurdo Antônio Dó ser absolvido (houve reação contrária quando na peça ele foi absolvido).

(...)

Bandido. É claro que quem fez Antônio Dó bandido foi a elite de São Francisco. E o que quisemos mostrar com a peça é isso, que ele foi feito bandido pela elite são-franciscana, sendo que foi uma reação espontânea dos alunos absolver Antônio Dó, nós não influenciemos os alunos.

(...)

Conheço, mas eu li o livro de Saul Martins e Manoel Ambrósio. Mas, o de Ambrósio eu achei um pouco distante da realidade. O de Martins, achei melhor que o de Ambrósio. O certo é o que está no de seu Brazinho. Você vai ler, você vai ver que a história de verdade está lá. Às vezes, ou sempre bajulando alguém, alguém, todos dois são assim, mais o livro de Ambrósio, achei mais fraco.”⁴

Desta forma, entendemos que vários discursos produzidos tanto pelos jornais como as narrativas que circularam e circulam no Norte de Minas sobre a vida de Antônio Dó contribuíram e contribuem para legitimar o “Norte de Minas do atraso” e que a identidade sertaneja torna-se um elemento frágil frente a tais narrativas.

⁴ Maria do Perpétuo Socorro, entrevista concedida em 23 de agosto de 2002. Duração 40 minutos.

Bibliografia

- ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Vassalos Rebeldes. Violência coletiva nas Minas na primeira metade do Século XVIII.** Belo Horizonte: C/Arte. 1998.
- BRAZILIANO, Braz. **São Francisco nos caminhos da História.** São Francisco: Lemi, 1977.
- CASTRO, Hebe. *História Social.* In: VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teorias e metodologias.** Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 51.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política. Tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República.** 2ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social.* In: **Projeto História.** São Paulo, V. 22, Junho de 2001. p.83.
- MARTINS, Saul. **Antônio Dó – A história verídica de um jagunço famoso,** 3ª ed. Belo Horizonte: SESC/MG. 1997.
- MATA-MACHADO, Bernardo Novais da. **História do Sertão Noroeste de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- MELLO, Frederico Pernambucano. **Que foi a Guerra Total de Canudos.** Recife: Stahli. Recife. Editora. 1997.
- _____. **Guerreiros do sol. Violência e banditismo no Nordeste do Brasil.** São Paulo: A Girafa Editora. 2004.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira, **Florestas anãs do sertão. O cerrado na história de Minas Gerais.** Volume , Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Antônio Dó: um bandido social das margens do Rio São Francisco – 1910/1929.** Uberlândia. Dissertação de Mestrado. 2004.
- PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.* In **Revista Tempo.** Rio de Janeiro. p. 64, Vol. 1 nº 2, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. *As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos.* In: **História e Perspectiva.** N. 25 e 26 – jul./dez.2001/jan./jun.2002. Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia.
- PORTELLI, Alessandro. *Historia Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli.* In: **História e Perspectiva.** N. 25 e 26 – jul./dez.2001/jan./jun.2002. Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. P. 31.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O Campesinato Brasileiro.** São Paulo: Vozes, 1973.
- THOMSON, Alistair. *Histórias (co)movedoras: História oral e estudos de migração.* In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, V 22. nº 44pp. 341-364.2002.

ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum- estudo sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

THOMPSON, Paul “**A Voz do Passado**”. **História Oral**. São Paulo: Editora Paz & Terra. 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teorias e metodologias**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 155 a 158.